

Paradigmas epistemológicos e pedagógicos subjacentes ao conceito de turismo pedagógico: em busca de uma sistematização teórica

Francielle de Lima¹

Marcia Maria Cappellano dos Santos²

José Carlos Köche³

Resumo: O presente trabalho compreende uma sistematização teórica preliminar de bases conceituais que estariam subjacentes ao binômio “turismo pedagógico”, no sentido de construir referentes analíticos de como se daria a instauração da qualificação “pedagógico” como propriedade ou característica intrínseca do turismo, ou, dito de outra forma, como/quando o turismo, adjetivado como pedagógico, se institui como fator promotor de ensino e aprendizagem. Essa sistematização integra parte do referencial teórico de dissertação de mestrado em desenvolvimento.

Palavras-chave: Turismo. Turismo pedagógico. Paradigmas epistemológicos. Modelos pedagógicos.

Introdução

Quando o objeto de estudo é o conceito de turismo pedagógico buscando pôr em foco relações conceituais que possam emergir da análise desse binômio, mostra-se relevante considerar, de um lado, o fato de o “turismo” configurar-se como termo nuclear da expressão e, de outro, o princípio de que, no binômio, cada um de seus elementos constitutivos encerra amplo e dinâmico espectro conceitual, tecido por diferentes vieses teóricos, construídos igualmente em diversos percursos históricos. Isso, de imediato, suscita inquietações e questões investigativas, tais como: O que os estudiosos estão entendendo como “turismo” e como “pedagógico” quando abordam o binômio? Na adjetivação do turismo como pedagógico, que concepções teóricas estariam aí presentes? Essas concepções estariam sendo discutidas na literatura científica disponível e acessada? Atividades práticas relatadas por diferentes autores denominadas de “turismo pedagógico” estariam ocorrendo da mesma maneira, seguindo os mesmos pressupostos epistemológicos, no que tange a paradigmas científicos ou à epistemologia do turismo? E do ponto de vista psicopedagógico, que pressupostos estariam aí compreendidos? Que vínculos estariam sendo estabelecidos com o mercado turístico?

¹ Aluna do Programa de Pós-graduação em Turismo – Mestrado Acadêmico da Universidade de Caxias do Sul/UCS. Bacharel em Turismo pela mesma universidade. Secretária Municipal de Turismo, Indústria e Comércio de Barão. E-mail: franma@brturbo.com.br.

² Doutora em Educação. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Turismo – Mestrado/Universidade de Caxias do Sul – UCS. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa Turismo: *Desenvolvimento Humano e social, linguagem e processos educacionais*. E-mail: mcsantos@ucs.br.

³ Doutor em Filosofia. Docente e vice-reitor da Universidade de Caxias do Sul/UCS. Membro do Núcleo de Pesquisa Turismo: *Desenvolvimento Humano e social, linguagem e processos educacionais*. E-mail: jkoche@ucs.br

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Tendo presente essas indagações e quando consultada a produção científica envolvendo o referido binômio, mostra-se como um caminho pertinente a percorrer ampliar incursões reflexivas sobre como, nessas produções, se daria a instauração da qualificação “pedagógico” como propriedade ou característica intrínseca do turismo, ou, dito de outra forma, como/quando o turismo, adjetivado como pedagógico, se institui como fator promotor de ensino e aprendizagem.

O presente trabalho configura-se assim como um exercício na direção de sistematizar um referencial teórico que, operacionalmente, possa nortear as análises pretendidas.

Incursões em abordagens epistemológicas do Turismo

Segundo Andrade (2000), o primeiro registro da palavra “turismo” remonta a 1800 e está no Pequeno Dicionário de Inglês Oxford: “Turismo: a teoria e prática de viajar, deslocar-se por prazer”. A raiz *tour* aparece documentada em 1760, na Inglaterra. A etimologia da palavra permite indicar sua procedência latina *tornus* (torno) como substantivo, e *tornare* (redondear, torner, girar) como verbo. Em seus princípios históricos, Fuster (1971), conceitua de forma simples a palavra “turismo” como sinônimo de “viagem por prazer”.

Contudo, a base teórico-analítica do turismo parece ser econômica, sendo que, em 1911, lembra Andrade (2000, p.33), o economista austríaco Hermann Von Schattenhofen escrevia que o turismo é a soma das operações, especialmente as de natureza econômica, diretamente relacionadas com a entrada, a permanência e o deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região. Edmond Picard, economista belga, nesse mesmo ano, enfatiza a função do turismo, como importador de divisas pelos países.

Já no período entre 1929-1939, instituía-se a fase moderna dos estudos sobre turismo, propiciada, principalmente, pelo nascimento da Faculdade de Economia da Universidade de Berlim o Centro de Pesquisas Turísticas, cuja produção teórica passou a ser denominada como corpo de doutrina da Escola de Berlim (Alemanha). Para esses estudos, foram considerados apenas o conjunto de viagens, o consumo de bens e serviços e os dispositivos legais de distinção entre turismo, migração e profissionalismo dos viajantes. Dentre os nomes dessa época estão Glucksmann, Benscheidt, Morgenroth, Schwink e Bormann, que entendiam inicialmente o turismo como um vencimento do espaço por pessoas que vão para um local no qual não têm residência fixa. E, por conseguinte, acrescentam aspectos como o consumo de luxo, motivações pessoais, entre outros. Além dessas definições, foram elaboradas outras pela “escola polonesa”. De acordo com Lesczyck citado por Andrade (2000, p.35), “[...] o movimento turístico é aquele no qual participam os que durante certo tempo residem num certo lugar, como estrangeiros ou forasteiros e sem caráter lucrativo, oficial (de serviço) ou militar”.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Mais tarde, outros estudos, originaram novas conceituações ou acrescentaram novos elementos, como é o caso de Norwal (1936) que acrescentou ao debate, o sujeito que viaja “o turista”; e a Sociedade das Nações (1937) determinou um critério estatístico para definir a categoria de turista; entre outros. Segundo Fuster, a ênfase, até então, era quantitativa, porém com a proliferação de monografias sobre a temática, depois da Segunda Guerra Mundial, houve uma qualificação nas novas conceituações, como as dos suíços Hunziker e Krapf que, em 1942, compreendiam o turismo como “conjunto das inter-relações dos fenômenos que se produzem como conseqüências de viagens e das estadas de forasteiros, sempre que delas não resulte um assentamento permanente nem eles se vinculem a alguma atividade produtiva” (Andrade, 2000, p.37).

Entretanto, é importante assinalar que essa compreensão do turismo, em sua dimensão econômica, subliminarmente está impregnada por uma concepção reducionista em seu tratamento epistemológico e histórico, uma vez que, se o turismo for entendido como mera atividade econômica, sua análise tenderá a ser voltada, por exemplo, a índices estatísticos, projeções de crescimento, planos e projetos em nível macro e micro, estudos de demandas, viabilidade econômica de investimento, custo-benefício entre produção e consumo. Essa afirmativa vem ao encontro do conceito de turismo, via demanda, elaborado pela Organização Mundial do Turismo (OMT), cujo foco é predominantemente estatístico internacional e segundo o qual turistas seriam visitantes que pernoitam, e excursionistas, visitantes de um dia. Nessa direção e sob essa base teórica, talvez nem mesmo se pudesse empregar a denominação “turismo pedagógico”, uma vez que nem todas as práticas designadas como tal compreendem pernoites: ter-se-ia então uma “excursão pedagógica”. Portanto, faz-se necessário recorrer a outras abordagens analíticas do turismo, tais como a estruturalista, a sistêmica e a multi/interdisciplinar, no sentido de ampliar-lhe o espectro conceitual focalizando particularmente a episteme do fenômeno.

Conforme Panosso Netto (2005, p.36) “a aplicação da epistemologia nos estudos turísticos é de extrema importância, uma vez que ela pode auxiliar na explicação do fenômeno turístico e ao mesmo tempo fornecer bases científicas seguras para os pesquisadores de turismo”. Sob esse prisma, o autor identifica três fases teóricas do turismo: a pré-paradigmática, a paradigmática e a que denomina de novas abordagens. Veja-se a figura 1.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

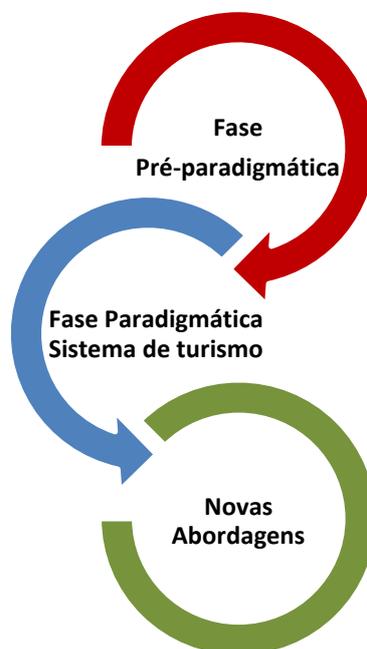


Figura 1. Fases Teóricas do Turismo (Adaptado Panosso Netto, 2005).

Para o autor, a fase pré-paradigmática é assim designada porque os estudiosos que a compõe não conseguiram criar uma “escola de pensamento” em torno das propostas teóricas criadas, mas deixaram espaço para que outros pesquisadores avançassem em suas pesquisas. Os nomes mais proeminentes dessa fase são Luiz Fernández Fuster, Walter Hunziker, K. Krapf, A.J. Burkart e S. Medlik. Esse grupo de autores são os responsáveis pelas primeiras análises teóricas do turismo.

O segundo grupo de autores foi o que criou a fase paradigmática do turismo denominada de “Sistema de turismo”. Nesse grupo estão Neil Leiper, Mário Carlos Beni, Alberto Sessa e Roberto Boullón. A palavra-chave do sistemismo é “sistema”, que, de acordo com Beni (2008, p.23) é “um conjunto de partes que interagem de modo a atingir determinado fim, de acordo com um plano ou princípio; ou conjunto de procedimentos, doutrinas, ideias ou princípios, logicamente ordenados e coesos com intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo”.

Segundo Panosso (2005), os primeiros autores a introduzirem a teoria de sistemas no turismo foram Cuervo (1967) e Wahab (1977), contudo o sucesso dessa abordagem só veio com Neil Leiper (1979), para quem existem duas análises básicas da teoria de sistemas aplicada ao turismo:

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

A primeira é aquela que fornece modelos completos do sistema de turismo; ou seja, pretendem abranger, analisar e explicar todos os elementos demandados do fenômeno turístico. A segunda seria a que estuda o turismo por meio de subtemas, ou subsistemas, não procurando fazer a abordagem completa do turismo (Panosso Netto, 2005, p.56).

Considera o autor, que é relevante sublinhar que a teoria de sistemas aplicada ao turismo é a descrição de algo idealizado, ou seja, de algo que deveria acontecer de acordo com que a teoria prevê, porém, na realidade há sempre a considerar a imprevisibilidade, a subjetividade que podem ocasionar alterações e especificações nos sistemas, afastando assim sistema ideal do sistema real.

A terceira fase denominada “Novas Abordagens” caracteriza-se, por exemplo, por proposições teóricas que buscam a superação do paradigma sistêmico, por meio da reformulação da Teoria Geral de Sistemas aplicada ao turismo. Os autores constituintes dessa fase são Jafar Jafari (1995) e John Tribe (1997). O primeiro analisou o turismo através de um tratamento holístico do fenômeno, em que a compreensão das viagens conciliava o turista, seu estado de espírito e o aparato turístico. O segundo propôs uma releitura interdisciplinar da teoria de Jafari e Ritchie (fase pré-paradigmática – 1981), o que ocasionou a superação do primeiro modelo. Tribe propôs que o turismo devesse ser estudado como dois campos de estudo: Campo do Turismo 1 – estudo dos aspectos comerciais do turismo; e o Campo do Turismo 2 – estudo dos aspectos não comerciais do turismo. Entretanto, apesar da proposta inovadora de Jafari, esse modelo não passou de uma tentativa de ser base para pesquisas no turismo, assim como a proposta de Tribe, que não inseriu a dimensão humana em sua abordagem (Panosso Netto, 2005).

A partir dos anos 2000, mais especificamente em 2002 e 2005, dois autores brasileiros acrescentaram novas perspectivas ao estudo epistemológico do turismo. A primeira refere-se à abordagem dialética histórico-estrutural de Marutscka Moesch, em sua obra *A produção do saber turístico*, e a segunda, refere-se à abordagem fenomenológica, de Alexandre Panosso Netto (*Filosofia do Turismo*).

Moesch (2002, p.49), apoiando-se no método dialético histórico-estrutural, faz uma nova leitura do turismo, sublinhando o caráter humano do fenômeno. Para ela (2002, p.9), turismo é

uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório dessa dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

A dialética histórico-estrutural, nas palavras de Demo citado por Moesch (2002, p.50) “tem como marca reconhecer, no mesmo patamar de relevância, condições objetivas e subjetivas das estruturas históricas, que são formas de acontecer, partindo-se da crença científica comum de que a realidade social é pelo menos regular”, já que a realidade natural, ao contrário, é determinada dentro de um “esquema rígido de causa e efeito, independente da vontade humana”.

Assim, o turismo acontece “dentro de um mundo que se movimenta e se desenvolve, ocasionando experiências reais suscetíveis de serem entendidas e, portanto, sistematizadas, de maneira dialética” (MOESCH, 2002, p.54).

Avançando na interpretação de onde começa e onde termina o turismo, ou o que faz o turismo ser turismo, Panosso Netto (2005) pauta suas reflexões filosóficas pela fenomenologia, partindo do pressuposto que as teorias existentes, até então, não refletem, em seu todo, o que é o fenômeno turístico em sua essência. Assim, o autor acredita que a abordagem fenomenológica permite a interpretação do fato em si. Com base na definição de fenômeno de Husserl, o autor refere-se ao fenômeno turístico elucidando a possibilidade de apreensão, pela consciência, de uma ação em curso, em sua essencialidade. Falar do fenômeno turístico é

[...] é falar de algo que se mostra a si mesmo, tal como é, do modo que é. Não podemos confundir esse mostrar a si mesmo com o termo aparência, que está relacionado com algo, com algum fenômeno, com o modo de aparecer de algum fenômeno. Assim, fenômeno deve ser visto como o que se mostra e não com o que parece ser. O termo aparência tem sua estrutura mais ligada com o fato (o que aparece, o que parece ser) do que com o fenômeno, aquilo que se mostra a si mesmo (Panosso Netto, 2005, p.104).

A fenomenologia aplicada ao turismo seria, na ótica de Barretto (2008, p.137), “um estudo das razões essenciais e do significado transcendente do turismo para os seres humanos em função do seu próprio mundo interior e não apenas da perspectiva da sociedade de consumo”. Portanto, investigações fenomenológicas são investigações universais de essências.

Por meio da fenomenologia, o autor avança na interpretação e compreensão do turismo, destacando a experiência vivida quando contata com as coisas em si mesmas, deixando de lado especulações metafísicas abstratas ou enfoques positivistas (Santos, Possamai & Marinho, 2009).

Outra abordagem conceitual de turismo, de natureza psicoantropológica e perspectivada na dimensão humana-social do fenômeno, é proposta por Perazzolo, Santos e Pereira (2013), a partir da ideia de que a motivação intrínseca e constitutiva do fazer turismo está assentada na concepção de que, no cerne do processo que move os sujeitos estaria a metáfora do desejo.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

La perspectiva de la metáfora del deseo dimensiona el entendimiento del hacer turismo como motivado por el impulso por el conocimiento/experiencias en su forma más primaria, tal como presentada en el concepto de pulsión epistemofílica propuesto por Freud (1992) en el texto “Inhibición, Síntoma y Angustia”, del 1926. El tema es también abordado a la luz de las contribuciones lacanianas, particularmente en la perspectiva de la pulsión escópica. La pulsión epistemofílica, o impulso por conocer, experimentar, aprender, activado a partir de vivencias psicosexuales estructurantes, es entendido por Freud como derivación de experiencias que integran el proceso de formación, en la perspectiva de la constitución del sujeto como sujeto social. Observado de esa forma, es posible atribuir nuevos significados para los movimientos de personas y grupos a lo largo del tránsito humano por la historia, determinados o no por demandas de seguridad y suministro (Perazzolo, Santos e Pereira, 2013, p.141-142).

Sob essa perspectiva, a motivação para a busca do novo teria na base a demanda de conhecer “outro lugar”, onde o objeto original não pode ser identificado, de sorte que o fenômeno estaria antes ligado a essa pulsão do que ao campo administrativo, a efeitos de ações persuasivas de vendas e de marketing, ou a modismos e estratégias de tramas econômico-comerciais. Esse mesmo impulso, “[...] concebido en el terreno psicoantropológico, tal como se caracterizan, en la esencia, la contribución del psicoanálisis, apunta hacia caminos que llevan a la construcción simbólica del hombre, en búsqueda interminable de lo que no puede ser conocido” (Perazzolo, Santos e Pereira, 2013, p.142).

Considerando assim essa motivação primária, as autoras postulam que se poderia dizer que todo movimento da vida psíquica na direção do externo a si próprio seria uma forma de turismo, e que todo impulso na direção de dar destino ao “não saber” integraria sistemas complexos indutores a que os sujeitos, pelo imaginário, buscassem dar sentido a ou jogar com elementos que apropriada do mundo sensível, o que proporcionaria avanços no desenvolvimento humano, perpetuando deslizamentos de significações.

Por outro lado, na medida em que se compreende o turismo como a expressão humana do desejo de conhecer, de saber, e que se considera que esse conhecer, esse saber procurado se constrói por meio da relação, através de movimentos de interação, o acolhimento institui-se como um elemento fundante do turismo, de tal modo que os sujeitos da experiência turística sairão dela sempre modificados.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Ciência e paradigmas epistemológicos

A questão “O que estaria sendo entendido como turismo e como pedagógico quando o binômio “turismo pedagógico” é abordado pelos estudiosos”, presente nas considerações introdutórias, remete naturalmente a outras duas indagações: Na adjetivação do turismo como pedagógico, que concepções teóricas estariam aí presentes? Que pressupostos epistemológicos estariam subjacentes a essas concepções?

Assim, primeiramente abordar, numa visão diacrônica, os paradigmas científicos, ainda que de forma genérica ou panorâmica, poderia contribuir para melhor compreender pressupostos epistemológicos subjacentes aos processos de ensinar e aprender e, por decorrência, às práticas de turismo pedagógico dentro e fora do âmbito escolar.

Sob esse escopo, recorrer-se-á fundamentalmente a Köche (2010) e Aranha (2003), cujas obras aportam elementos essenciais à elaboração do quadro geral pretendido.

Rupturas de Paradigmas Científicos

O termo “conhecimento” refere-se, conforme Aranha (2003), ao ato de conhecer ou ao produto do conhecimento, sendo que o primeiro diz respeito à relação entre o que se conhece e o objeto a ser conhecido, e o segundo, ao resultado do ato de conhecer.

Segundo a mesma autora (2003), pode-se chegar ao conhecimento por meio da intuição e do conhecimento discursivo. A primeira é importante, pois é o ponto de partida do conhecimento, podendo se classificar em intuição sensível (conhecimento imediato dado pelos órgãos dos sentidos), intuição inventiva (intuição dos cientistas, sábios, etc.) e a intuição intelectual (captação direta da essência do objeto). A segunda trata do conhecimento mediato, isto é, aquele que se dá por meio de conceitos, que resultam de pensamentos por etapas, por encadeamento de ideias, raciocínios e elaboração de conclusões. Nessa direção, infere-se que o conhecimento se faz, não apenas por um ou outro meio, mas sim, pela relação contínua entre intuição e razão, entre vivências e teorias, entre concretos e abstratos, numa eterna busca pelo saber.

De acordo com Köche (2010), conhecimento são representações significativas da realidade e pode ser classificado em mítico, ordinário (também conhecido como senso comum e/ou

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

empírico), artístico, filosófico, religioso e científico, sendo que as duas formas que mais interferem nas decisões diárias do ser humano são o conhecimento do senso comum e o científico.

Segundo o mesmo autor (2010), o conhecimento do senso comum surge como consequência da necessidade de resolver problemas imediatos, portanto, ele não é antecipadamente programado ou planejado e valoriza as percepções sensoriais. À medida que vão aparecendo problemas, ele vai se desenvolvendo. Por ser vivencial, preso a convicções pessoais e desenvolvido de forma espontânea, apresenta grandes limitações, tornando-se muitas vezes, impreciso e incoerente. Aranha (2003, p.60) reforça essas características, expressando que o senso comum “é um conhecimento ingênuo (não-crítico), fragmentário (porque difuso, assistemático e muitas vezes sujeito a incoerências) e conservador (resistente as mudanças)”.

O conhecimento científico surge da necessidade de o ser humano propor uma forma sistematizada, metódica e crítica de desvelar o mundo, compreendê-lo, explicá-lo e dominá-lo. Segundo Bunge (1969) citado por Köche (2010, p.37): “o conhecimento científico é aquele que é obtido pelo método científico e pode continuamente ser submetido a prova, enriquecer-se, reformular-se ou até mesmo superar-se mediante o mesmo método”.

Numa perspectiva histórica da ciência, identificam-se diferentes paradigmas epistemológicos, entre os quais se estabelecem rupturas que recaem sobre a própria concepção de conhecimento, sua validação, procedimentos metodológicos, entre outros elementos. As figuras 2, 3, 4 e 5, em sequência, permitem esquematicamente visualizar algumas características desses paradigmas.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Ciência Grega - Fase Pré-socrática	
Período	• Séc. VIII a.C até o final do séc. XV
Ruptura	• Com a mitologia • Substituição do Mundo Caótico pela Ideia de Cosmos
Conhecimento	• Desenvolvido pela Filosofia • Filosofia da Natureza
Saber	• Compreensão da natureza das coisas e do homem
Pergunta básica	• O que é?
Procedimento adotado	• Especulação racional
Resultados	• Pluralidade de explicações • Contradições
Validação do Conhecimento	• Não existia a preocupação com método crítico

Figura 2. Ciência Grega: Fase Pré-socrática.

Ciência Grega - Método Aristotélico	
Período	• Séc. IV a.C até o final do séc. XII
Ruptura	• Mundo Platônico
Perguntas	• O que é? • Por que é?
Ciência	• Do discurso, qualitativa
Conhecimento	• Universal, estável, certo e necessário • Produzido por meio de proposições de sujeito-predicado
Método	• Aristotélico • Demonstração científica
Resultados	• Essência das coisas e de suas causas
Validação do Conhecimento	• Deve satisfazer os critérios da justificação lógica (verdade sintática)

Figura 3. Ciência Grega: Método Aristotélico.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Ciência Moderna	
Período	<ul style="list-style-type: none"> • Séc. XVII até Séc. XX
Ruptura	<ul style="list-style-type: none"> • Modelo aristotélico
Visão de Universo	<ul style="list-style-type: none"> • Transição do fechado para o aberto, mecânico, unificado, determinista, geométrico reducionista e quantitativo • Estabilidade dos fatos e do mundo
Ciência	<ul style="list-style-type: none"> • Reduzida às relações quantitativas existentes entre as propriedades dos fenômenos e análise de suas respostas • Objetiva, absoluta, previsível, controlável e destituída de subjetividade para quem a produz
Procedimento	<ul style="list-style-type: none"> • Experimentação e/ou observação científica • Monismo metodológico
Método	<ul style="list-style-type: none"> • Quantitativo-experimental • Indutivista e empirista
Resultados	<ul style="list-style-type: none"> • Verdades e Certezas (interpretações matemáticas do real) • Teorias como descrição fiel do real • Progresso por acumulação de certezas
Validação do Conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Correspondência entre o conteúdo dos enunciados e a evidência dos fatos (verdade semântica) • Justificação com provas experimentais
Sujeito-objeto	<ul style="list-style-type: none"> • Separação entre sujeito que observa e objeto a ser observado

Figura 4. Ciência Moderna.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Ciência Contemporânea	
Período	<ul style="list-style-type: none"> • A partir do século XX
Ruptura	<ul style="list-style-type: none"> • Dogmatismo, certeza da ciência • Positivismo calcado do empirismo e na indução do método newtoniano
Visão de Universo	<ul style="list-style-type: none"> • Multidimensional, complexo, interacional, dinâmico e evolucionista
Ciência	<ul style="list-style-type: none"> • Imprevisível, conjectural e intersubjetiva
Procedimento	<ul style="list-style-type: none"> • Problematização • Pluralismo metodológico
Método	<ul style="list-style-type: none"> • Hipotético-dedutivo • Abordagem Qualitativa (dialética, hermenêutica, fenomenológica)
Resultados	<ul style="list-style-type: none"> • Aproximações da realidade, ou seja, teorias como representação do real, interpretações
Validação do Conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Falseabilidade e discussão intersubjetiva
Sujeito-objeto	<ul style="list-style-type: none"> • Interação entre o observador e o objeto observado

Figura 5 – Ciência Contemporânea.

As figuras permitem constatar a ocorrência de numerosas e contínuas reavaliações dos conceitos de ciência, experiência, método, e até mesmo dos resultados pretendidos. Todas essas mudanças no âmbito das formas de conhecer, de alguma maneira foram aplicadas nas diferentes áreas do conhecimento, o que fez com que se pensasse o mundo e a vida sob outras perspectivas. Particularmente, entre os paradigmas das ciências moderna e contemporânea, encontram-se oposições que merecem ser postas em destaque, na medida em que ambos, mesmo demarcados em períodos históricos diversos, têm, presentemente, repercussões sobre as formas de ensinar e aprender.

Paradigmas epistemológicos e modelos pedagógicos

As formas de conhecer (processos epistemológicos) aplicadas a qualquer área de conhecimento, e neste caso, à educação e, especificamente envolvendo o turismo, estão refletidas em ou podem refletir, influenciar e, muitas vezes, direcionar os processos de ensino-aprendizagem, seja na teoria como na prática.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Atualmente, no panorama educacional, coexistem dois paradigmas epistemológicos, o empirismo (conservador-tradicional, o da ciência moderna) e o construtivismo (inovador). Segundo Mizukami (1986), se, por um lado, os educadores optam, na teoria, por concepções mais atuais e contemporâneas da ciência pedagógica, por outro lado, na prática, ainda há o predomínio da pedagogia tradicional baseada nos pressupostos do paradigma newtoniano-cartesiano.

A transição/suplantação do paradigma empirista para/pelo o construtivista por parte dos educadores, repercutindo na coerência entre pressupostos teóricos e prática pedagógica, demandam clareza sobre as bases epistemológico-pedagógicas.

Becker (2001), figura essas relações por meio da contraposição dos modelos a seguir reproduzidos:

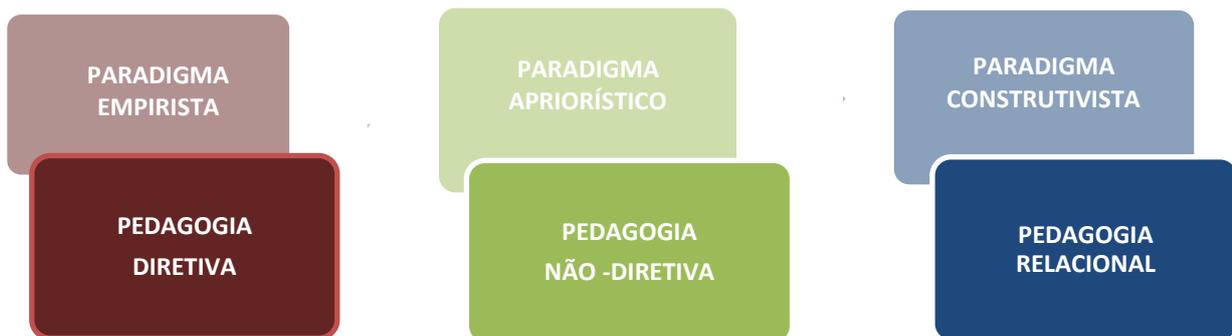


FIGURA 6. Modelos epistemológicos e pedagógicos (Adaptado Becker, 2001).

Resumidamente, sob o modelo da pedagogia diretiva, o ensino caracteriza-se pela preocupação maior com a variedade e a quantidade de informações, privilegiando as disciplinas, os conhecimentos teóricos, a missão catequética e unificadora da escola, programas minuciosos, rígidos, entre outros aspectos; o conhecimento científico é tomado como verdade inquestionável, portanto, “[...] como doutrina ou sistema de dogmas que se acumulam pelo progresso científico (numa perpetuação de posições do positivismo científico)” (SANTOS, 2007, p.92). Ao aluno cumpre aceitar o conhecimento científico transformado em conhecimento escolar. A pedagogia

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

diretiva tem como primado o objeto, reduzindo o conhecimento a uma aquisição exógena que reflete a presença do paradigma da ciência moderna.

O paradigma apriorístico opõe-se ao empirista por considerar que “o indivíduo, ao nascer, traz consigo, já determinadas, as condições do conhecimento e da aprendizagem que se manifestarão ou imediatamente (inatismo) ou progressivamente pelo processo geral de maturação” (Becker, 2011, p.13). O modelo pedagógico influenciado por esse paradigma é o chamado por Becker (2001) de pedagogia não-diretiva. Trata-se de um processo de ensino-aprendizagem não-diretivo caracterizado por “implicar técnicas de dirigir sem dirigir, ou seja, dirigir a pessoa à sua própria experiência para que, ela possa estruturar-se e agir” (Mizukami, 1986, p.48). Nesse modelo pedagógico, cabe ao professor criar condições para que o aluno seja capaz de se autoguiar, dar-lhe assistência e tornar-se facilitador da aprendizagem. Esse profissional deve interferir o mínimo possível, sob o regime do “*laissez faire*”, pois o educando se autodesenvolve e, o conteúdo advém das próprias experiências dos alunos.

O paradigma construtivista, negando simultaneamente o empirismo e o apriorismo, abriga o modelo pedagógico relacional. As estruturas do conhecimento e, portanto, da aprendizagem, são construídas pelo sujeito mediante sua ação sobre o meio físico e social, ou seja, na interação sujeito-meio (Becker, 2011). “No construtivismo o sujeito e o objeto não são estruturas separadas, mas constituem uma só estrutura pela interação recíproca. O sujeito não existe sem o objeto nem o objeto (meio) sem o sujeito” (Matui, 1995, p.46).

As experiências dos alunos adquirem novo significado, na medida em que se trata de sujeitos que atribuem sentidos (atributo pessoal) e significados (atributo sócio- histórico) ao mundo e aos objetos que o cercam, tendo nas interações sociais o seu grande espaço de ocorrência dessas experiências. O papel do professor é observar o aluno, identificar seus conhecimentos prévios, seus interesses e, a partir dessa bagagem, procurar apresentar elementos para que construa seu conhecimento, evitando a rotina e a fixação de respostas e hábitos. O professor é responsável por criar situações, através das quais o aluno conheça e aprenda experimentando, vivenciando e problematizando.

Uma síntese das convergências e divergências dos referidos modelos pedagógicos pode ser visualizada na figura 7.

Variáveis:	Pedagogia Diretiva	Pedagogia Não diretiva	Pedagogia Relacional
Educação	<ul style="list-style-type: none"> Ênfase no <i>produto</i> derivado do ato de conhecer Baseada em modelos do passado 	<ul style="list-style-type: none"> Ênfase no <i>processo</i> de que deriva o conhecimento Baseada em modelos do presente na 	<ul style="list-style-type: none"> Ênfase no <i>processo</i> que gera o conhecimento Modelo educacional que busca provocar nos alunos a busca por novas soluções, criador de

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

	<ul style="list-style-type: none"> • Predominância da diretividade 	<p>direção do futuro</p> <ul style="list-style-type: none"> • Predominância da não-diretividade 	<p>situações que exijam o máximo de exploração por parte deles, estimulante de novas estratégias de compreensão da realidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Predominantemente interacionista
Objeto da Educação	<ul style="list-style-type: none"> • Sujeito constituído somente pela razão 	<ul style="list-style-type: none"> • Sujeito constituído não somente pela razão, mas, sim, pelos sentimentos, emoções e ação 	<ul style="list-style-type: none"> • Sujeito constituído pela razão, sentimentos, emoções e ações
Escola	<ul style="list-style-type: none"> • Lugar por excelência onde se realiza a educação • Ambiente austero, autoritário, hierarquizado, magistrocêntrico, impregnado de dogmas e regras (produto da ciência considerado verdade científica) 	<ul style="list-style-type: none"> • Acentua-se o papel da escola na formação de atitudes • Favorável a uma mudança dentro do sujeito (autodesenvolvimento) • Regime do "<i>laissez faire</i>" 	<ul style="list-style-type: none"> • "Escola do pensamento, da crítica, da construção" • Espaço para a dialogicidade • Ambiente desafiador que provoca desequilíbrios-equilíbrios • Local de desenvolvimento de ações motoras, verbais e mentais
Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • Transmitido e escolhido pelo professor, cujo foco está nos produtos da ciência 	<ul style="list-style-type: none"> • Escolhidos pelo aluno • Ênfase nos processos de desenvolvimento das relações e da comunicação 	<ul style="list-style-type: none"> • Conteúdo é visto como algo em construção, passível de novas interpretações
Organização disciplinar	<ul style="list-style-type: none"> • Conteúdos separados/específicos abordados por disciplinas específicas 	<ul style="list-style-type: none"> • Início das "fronteiras abertas" entre as disciplinas 	<ul style="list-style-type: none"> • Inter – transdisciplinaridade
Conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Caráter cumulativo • Conhecimentos absolutos, inquestionáveis e sacralizados 	<ul style="list-style-type: none"> • Resultante da própria experiência do aluno • Foco no <i>processo</i> que gera o conhecimento 	<ul style="list-style-type: none"> • Produzido a partir do desenvolvimento por etapas ou estágios sucessivos • Não é dado, terminado, ele se constitui pela interação do Indivíduo com o meio físico e social • Conhecer é transformar o

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

			<p>objeto e transformar a si mesmo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Construção contínua
Ensino-aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Alunos instruídos e ensinados pelo professor, por meio da transmissão de conhecimentos e do “fornecimento de receituários” 	<ul style="list-style-type: none"> • Centralização do processo pedagógico no aluno (pedocentrismo) • A motivação resulta do desejo de adequação pessoal na busca da autorrealização • Aprender é modificar suas próprias percepções (aprendizagem significativa) 	<ul style="list-style-type: none"> • Interação sujeito-objeto • Aprender a aprender. • Assimilação-acomodação • A aprendizagem é por excelência, construção; ação e tomada de consciência da coordenação das ações • Desequilíbrios- provocações • Foco nas atividades, tais como jogos, leituras, visitas, excursões, discussões, arte, oficina, etc. • Ensino baseado em problemas ou na problematização
Aluno	<ul style="list-style-type: none"> • Considerado uma <i>tábula rasa</i>, uma folha em branco, que nada sabe • Um sujeito inacabado, miniatura de adulto, adulto incompleto • Um receptor passivo de informações provenientes do ambiente 	<ul style="list-style-type: none"> • Sujeito da educação, considerado agora conforme sua idade • Já traz um saber <i>a priori</i> (bagagem hereditária) 	<ul style="list-style-type: none"> • Sujeito considerado como um sistema aberto, procedendo a reestruturações sucessivas • Sujeito dinâmico e ativo do próprio aprendizado
Professor	<ul style="list-style-type: none"> • Responsável pela escolha dos conteúdos e métodos do processo educativo • Detentor dos conhecimentos sacralizados, que deverão ser transmitidos aos alunos • Autoridade máxima na sala de aula 	<ul style="list-style-type: none"> • Facilitador da aprendizagem • Especialista em relações humanas 	<ul style="list-style-type: none"> • Cabe ao professor evitar a rotina, a fixação de respostas e hábitos. Observar, conversar, perguntar, auxiliando no desenvolvimento e aprendizagem do aluno • Responsável por promover a dialogicidade, cooperação, colaboração e por criar situações em que o aluno desenvolva o conhecimento • Deve assumir o papel de investigador, pesquisador e orientador

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Professor-aluno	<ul style="list-style-type: none"> • Relação vertical, de um lado, professor (autoridade intelectual e moral) e de outro, aluno (receptor passivo) • Ignoram-se as diferenças individuais • Dicotomia entre os polos: “o professor jamais aprenderá e o aluno jamais ensinará” 	<ul style="list-style-type: none"> • Foco no aluno • O professor pouco intervém no processo de aprendizagem do aluno • Nessa relação o polo do ensino é desautorizado, e o da aprendizagem é tornado absoluto 	<ul style="list-style-type: none"> • Relação horizontal • Interação, integração, cooperação, trocas, colaboração • Valorização igualitária de ambos os polos (professor-aluno) • Respeito ao ritmo do aluno, seu modo de agir, pensar, descobrir, inventar e criar
Metodologia	<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva e demonstrações do professor aos alunos • O professor já traz o conteúdo pronto e o aluno se limita a escutá-lo e memorizá-lo, para posteriormente repeti-lo • Caminho pré-estipulado, voltado essencialmente para o intelectualismo 	<ul style="list-style-type: none"> • Autogestão pelo aluno • Pedagogia voltada para a ação, para a liberdade, estimulando pesquisas e experiências, buscando o desenvolvimento dos movimentos e estimulando a percepção 	<ul style="list-style-type: none"> • Não existe um método rígido, mas trabalha-se com o ensaio-erro, pesquisa, investigação, solução de problemas, trabalhos em grupo, diálogo, construindo o conhecimento • Afetividade • Foco nas atividades, tais como jogos, leituras, visitas, excursões, discussões, arte, oficina, etc.
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Mede-se pela exatidão e quantidade de informações que consegue reproduzir do conteúdo comunicado • Provas, exames, chamadas orais, exercícios, etc. • Aprova-se o sistema de prêmios e graus 	<ul style="list-style-type: none"> • Representa apenas uma etapa do processo pedagógico • Não se aprova o sistema de prêmios e graus • Valoriza a cooperação e solidariedade, mesmo trabalhando o individualismo • Privilegia-se a autoavaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Qualitativa, buscando verificar se o aluno adquiriu noções, realizou operações, fez relações, etc. • Reprodução livre • Monitoramento da aprendizagem, segundo múltiplos critérios, considerando principalmente, a assimilação e a aplicação em situações variadas

Figura 7. Características convergentes e divergentes entre os três modelos epistemológico-pedagógicos

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Na direção de considerações finais

Ainda que de caráter genérico e preliminar, a sistematização teórica aqui elaborada já permite que se chame a atenção para a importância da discussão conceitual quando o turismo é adjetivado, constituindo binômios, designativos de práticas que poderiam até mesmo dele ser consideradas segmentos. No caso específico do turismo adjetivado como pedagógico, a compreensão e consequente qualificação, ampliação de abrangência (pelo estabelecimento de novas interfaces) dessas práticas turísticas demandam que se explicitem e se relacionem universos conceituais que lhes são subjacentes – aqui buscados em incursões em abordagens epistemológicas do turismo, nos paradigmas epistemológicos no decurso da história da ciência, bem como na relação entre paradigmas e modelos pedagógicos.

Somente com esse olhar científico não se incorrerá no risco de assumir e empregar, sem a reflexão necessária, denominações como a de turismo pedagógico, sob pena de confundir, reduzir, distorcer, propriedades identificadoras das práticas categorizadas como tais, e ainda no limite, caracterizá-las a partir de conceitos próximos ao senso comum.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

REFERÊNCIAS

- Andrade, J. V.(2000). *Turismo: Fundamentos e dimensões*. 8.ed. São Paulo: Ática.
- Aranha, M. L. A.& Martins, M. H. P.(2003). *Filosofando: introdução à Filosofia*. 3.ed. São Paulo: Moderna.
- Araujo Perazzolo, O., Cappellano dos Santos, M. M. & Pereira, S.(2013). Dimensión relacional de la acogida. *Estudios y perspectivas em turismo*, 22(1), 138-153.
- Barretto, M. (2008). *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 9.ed. Campinas: Papirus.
- Becker, F. (2001). *Educação e construção do conhecimento*. São Paulo: Artmed.
- Becker, F. (2011). *O caminho da Aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire: da ação à operação*. 2.ed. Petrópolis: Vozes.
- Beni, M. C. (2008). *Análise estrutural do turismo*. 13.ed. São Paulo: SENAC.
- Köche, J. C. (2010). *Fundamentos de Metodologia Científica: Teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. 27.ed. Petrópolis: Vozes.
- Matui, J. (1995). *Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino*. São Paulo: Moderna.
- Mizukami, M. G. N.(1986). *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU.
- Moesch, M. (2000). *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto.
- Panosso Netto, A.(2005). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph.
- SANTOS, M. M. C. Prática docente na formação do turismólogo. (2007). *Revista Brasileira de Turismo – RBTUR*, 1(1), 84-109.
- Santos, M.M.C., Possamai, A.M.P & Marinho, M.F. (2009). Pesquisa em Turismo: panorama das teses de doutorado produzidas no Brasil de 2005 a 2007.*Revista Brasileira de Turismo – RBTUR*, 3(3), 3-33.